

## **PARA ALÉM DE UMA HUMANIZAÇÃO DO DIREITO: ATITUDES (ANTI)HERÓICAS NO EXERCÍCIO HORIZONTAL DA JUSTIÇA NO SÉCULO XXI**

Sérgio de Oliveira Santos<sup>1</sup>

### **RESUMO:**

A derrocada dos humanismos, das ideologias, das utopias, das promessas de progresso e o surgimento de uma sociedade globalizada, abarrotada de informações, com formas de *governamentalidade* da Vida cada vez mais perversas, ardilosas e ‘sutis’ comprometeram sobremaneira a verticalidade das relações humanas e principalmente os projetos idealizados de civilização. Os heróis nascem da necessidade de salvação ou mudança. Diante de determinada opressão física ou psíquica os heróis são aqueles que criam alternativas e/ou alteram uma dada situação. Contudo, tem-se que o empobrecimento ou as mudanças na caracterização e função das experiências heroicas na contemporaneidade, seja devido à horizontalidade dos valores ético-estético-morais ou pelo predomínio da ótica capitalista, dissemina *processos de subjetivação* (modos inventivos do ser humano ser e estar no mundo) que resultam em posturas de subserviência, ressentimento e apatia. Perdeu-se o porquê da luta. Todos são culpados e inocentes, vítimas e carrascos. O presente artigo objetiva trazer à baila alguns traços das características da função do herói (e do anti-herói) na contemporaneidade da sociedade ocidental a fim de destaca-los como elementos para novas possibilidades de atuação dos pensadores e operadores do Direito na promoção da justiça e, conseqüentemente, da liberdade, para além da *força bruta*, ou seja, do exercício vertical da violência e de inatingíveis ideais de sociedade e de relações humanas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contemporaneidade; Direito; Herói; Justiça; Liberdade.

## **ADEMAS DE UNA HUMANIZACIÓN DEL DERECHO: ACTITUDES (ANTI)HEROICA EN EJERCICIO DE LA JUSTICIA EN HORIZONTAL DEL SIGLO XXI**

### **RESUMEN:**

El colapso del humanismo, de las ideologías y de las utopías, las promesas de progreso y la emergencia de una sociedad globalizada, repletos de información, con las formas de gubernamentalidad cada vez más perversos, astutos y Vida "sutil" muy comprometida la verticalidad de las relaciones humanas y sobre todo los proyectos concebidos de la civilización. Los héroes nacen de la necesidad de la salvación o el cambio. Frente a ciertos héroes opresión físicos o psicológicos son los que crean alternativas y / o cambiar una situación dada. Sin embargo, uno tiene al agotamiento o cambios en la caracterización y la función de las experiencias heroicas en la época contemporánea, se debe a la horizontalidad de los valores ético-estético-moral o la prevalencia de la perspectiva capitalista, difunde procesos subjetivos (modos inventivos del ser humano y estar en el mundo) que se traducen en posturas de servilismo, el resentimiento y la apatía. Lost es la razón por la lucha. Todos son culpables e inocentes, víctimas y verdugos. Este artículo tiene como objetivo plantear

---

<sup>1</sup> Graduado em Psicologia e mestre em Direito pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), mestre e doutorando em Educação pela Universidade Júlio de Mesquita Filho (Unesp – Rio Claro), docente nas áreas de Filosofia e Psicologia em universidades como Unimep, Unesp e FAM. (spsico@pop.com.br)

algumas huellas de las características del papel de héroe (y anti-héroe) en la sociedad occidental contemporánea con el fin de destacar como elementos para nuevas posibilidades de acción de los pensadores y los operadores del derecho en la promoción de la justicia y, en consecuencia, la libertad, más allá de la fuerza bruta, es decir, el ejercicio vertical de la violencia y los ideales inalcanzables de la sociedad y las relaciones humanas.

**PALABRAS CLAVE:** Contemporáneo; Derecho; héroe; Justicia; Libertad.

## **INTRODUÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO**

*Em nome da nossa dor eu exijo um tradutor.  
Alguém de carne e osso... Alguém em  
quem se possa confiar um pouco.  
Zélia Duncan*

O que se quer ou o que significa humanizar algo que já é humano, demasiado humano? Por sua vez, noutros termos, o que seria uma “humanização do Direito”, tal como expressa a primeira parte do tema do XXIII Congresso Nacional do CONPEDI? Independente dos pormenores arraigados na constituição de tal tema, o presente artigo destaca, antes de tudo, um desconforto: o ser humano, o animal falante, não é algo essencial, natural ou idealmente bom. Intrincadas são as forças – para além do bem e do mal – que o constituem. Do mesmo modo, intrincadas são as perspectivas que compõe uma de suas mais belas invenções: o Direito.

Os atos humanos ou cada singular vida humana é o momento decisivo de um espaço. Momento resultante de muitos ventos históricos que ainda movem moinhos com seus valores, crenças e areias oriundas de cidades pacientemente destruídas pelo tempo. Ao ponto de Canguilhem (1982) expressar que a Vida seja evidentemente um *processo de demolição*. Assim, entre brumas, espumas, poeiras e miopias lê-se nas entrelinhas do horizonte da vida humana que destruir e/ou assenhorar-se de algo são tendências constitutivas e valorativas do ser humano. Ele é um animal belicoso. De sua dinâmica intrapsíquica até suas relações com outros semelhantes possui elementos que de uma maneira ou outra o conduz a alguma lide.

Segundo Freud, o *passo cultural decisivo* para a civilização foi justamente quando homens de pouca força uniram-se contra o poder repressor de outro homem mais forte que eles. *Então, o poder dessa comunidade se estabelece como “Direito”, em oposição ao poder do indivíduo condenado como “força bruta”* (FREUD, 2010a, p.57).

*Tal substituição do poder do indivíduo pelo da comunidade é o passo cultural decisivo. Sua essência está em que os membros da comunidade se limitam quanto às possibilidades de gratificação, ao passo que o indivíduo não conhecia tal limite.*

*Portanto, a exigência cultural seguinte é a da justiça, isto é, a garantia de que a ordem legal que uma vez se colocou não será violada em prol de um indivíduo (FREUD, 2010a, pp. 56-7).*

Nos passos da filosofia freudiana, vê-se que a *conditio sine qua non* da comunidade é a constante união de seus membros, pois, do contrario haveria apenas frágeis relações temporárias para vencer um indivíduo – inimigo – situacional. Derrotada a ameaça a união se desmantelaria. Os vínculos afetivos somente se restabeleceriam na ocasião em que outro indivíduo violento intimidasse ou colocasse em risco a vida de tantos outros sujeitos. É por meio dessa necessidade de coesão duradoura da comunidade que são estabelecidas as leis e as instituições (coercitivas e fomentadoras) que determinam a organização da vida em comum e os modos e situações em que o exercício da liberdade e o uso da violência são legítimos. Desse modo, a civilização se constitui a partir de dois procedimentos que se expandem e se repetem: a transferência do poder individual para uma unidade maior e a criação e regulação de vínculos afetivos entre os pares da comunidade.

Posto que a regulamentação das relações no seio da civilização dá-se pela limitação da liberdade dos indivíduos em prol dos ideais de justiça da comunidade *a liberdade não é um bem cultural. Ela era maior antes de qualquer civilização, mas geralmente era sem valor, porque o indivíduo mal tinha condição para defendê-la* (FREUD, 2010a, p. 57). Por esse modo, grande parte dos conflitos que agitam a civilização se apresenta contra **formas de injustiças** presentes nas relações estabelecidas por elementos culturais que têm por objetivo regular as relações entre as pessoas e estas *consigo mesmas*. De outro modo, pode-se dizer que nem todos os indivíduos da comunidade encontram-se satisfeitos com os consensos coletivos e as resultantes destes. E é justamente na luta contra as diversas formas de injustiças sociais e dos conflitos de interesses, embasadas em diferentes tipos de moral ou perspectivas de valor, que um dos mais impactantes constructos culturais entra em cena: o herói.

Os heróis nascem da necessidade de salvação ou mudança. Diante de determinada opressão física ou psíquica e de um medo conhecido ou desconhecido, os heróis são aqueles que criam alternativas e/ou alteram uma dada situação. Os heróis cuidam, os heróis protegem. Nesse sentido os primeiros relatos sobre essa figura surgem na Antiguidade, sobretudo nas obras *Ilíada* e *Odisseia* de Homero, salientando a bravura e a coragem de homens que, com sabedoria e estratégias diferentes às da maioria dos humanos, enfrentaram e sagraram-se virtuosos e vitoriosos em situações opressoras e cravejadas de perigo. Esse tipo de herói não

tem em boa estima os valores morais. Seu caráter audacioso, feroz e impetuoso reflete sua *hybris* – sua imoderação, descomedimento e arrogância. Ele faz o que é preciso ser feito. A ação produz um êthos e justifica sua imoralidade delimitando em seguida espaços, valores e direitos. Assim, o herói grego denota a superação do *homem comum* que, por sua vez, o toma como modelo – símbolo de coragem, bravura e astúcia.

De acordo com Feijó (1995), a mitologia grega em admiração e louvor aos atos gloriosos de seus heróis os considerava e os narravam como semideuses – aqueles que possuíam poderes especiais, apesar de mortais. Nesse veio a figura do herói clássico denota um ser humano ideal, *utópico*. Esse *topos*, esse lugar, essa imagem do herói como um modelo ideal de ser humano foi paulatinamente sendo repetida<sup>2</sup> ao ponto de se transformar num tema recorrente e característico nas mais diversas produções humanas ao longo dos tempos.

De acordo com Campbell (1990), *o herói evolui à medida que a cultura evolui*. Se a ideia de *evolução* for compreendida como um conjunto de processos de avanços e retrocessos pode-se afirmar que na Modernidade, principalmente junto da literatura romancesca, a figura do herói e o *topos* que a ela se ligava sofre uma ferrenha alteração. O aumento da complexidade constitutiva e valorativa das culturas tornou a figura do herói cada vez mais suscetível de falhas e derrotas<sup>3</sup> tornando-a, tal como destaca Brombert (2001), paulatinamente mais *humanizada* – no sentido de ir de encontro aos modelos ideais do herói clássico e/ou denunciar a impossibilidades de seu alcance e vivência. Dessa “humanização” surge o *anti-herói* – termo este apropriado por Brombert da obra *Memórias do subsolo* de Dostoiévski.

O anti-herói é uma figura que não denota o “vilão da história”, mas sim aquele que atua como um contraponto à imagem idealizada, utópica e exemplar que possui o herói clássico. O anti-herói é aquele que manifesta e denuncia os traços desmedidos, a *hybris* do herói cultuado desde a Antiguidade. Personagens como *Meursault* de Camus, *Raskólnikov* de Dostoiévski e o testemunho existencial-artístico de Baudelaire são exemplos da figura do anti-herói.

*Amplas áreas da literatura ocidental têm sido cada vez mais invadidas por protagonistas que, por estratégia deliberada de seus autores, não conseguem*

---

<sup>2</sup> Mesmo a bíblia utilizada pelos cristãos está repleta de exemplos heroicos, sobretudo, junto dos exemplos de conversão que trazem consigo a marca da superação de uma condição. Vale destacar que o herói empreende não apenas uma jornada com conflitos e batalhas físicas, mas também embates psíquicos ou subjetivos.

<sup>3</sup> Vale destacar que o pano de fundo das empreitadas do herói épico traz sempre uma noção, uma ordem, em certo sentido, universal acerca do mundo, sobre sua origem, sua constituição.

*colocar-se à altura de expectativas ainda associadas a lembranças da literatura tradicional ou dos heróis míticos. Mas esses protagonistas não são fatalmente “fracassos” nem estão desprovidos de possibilidades heroicas. Podem corporificar outros tipos de coragem, talvez mais sintonizados com nossa época e nossas necessidades. Tais personagens podem cativar nossa imaginação, e até chegar a parecer admiráveis, pela maneira como ajudam a esvaziar, subverter e contestar uma imagem “ideal”. (Brombert, 2001, p. 19).*

A figura do “anti-herói” é um importante elemento de uma *angústia* protagonizada a partir da Modernidade no ocidente em que seres e coisas foram deslocados de seus lugares costumeiros e com isso foram banhados em uma aura de ambiguidade. Diante dessa condição, pode-se afirmar que a herança epistemológica deixada pela Modernidade à contemporaneidade foi a *epistemê* da *negatividade*. Obras como *Dialética Negativa* de Adorno, *O Ser e Nada* de Sartre e o *Ser e Tempo* de Heidegger são traços marcantes do modo como alguns dos mais importantes pensadores do século XX foram concebendo o ser humano destacando mais as variantes e características daquilo que tal ser não é do que propriamente aquilo que seja.

Para além do campo estritamente filosófico, as duas grandes guerras vividas no século passado e seus desdobramentos contribuíram sobremaneira para que algumas *formas de racionalidade* fossem deliberadamente questionadas. Certezas diminuíram. A derrocada dos humanismos, das ideologias, das utopias, das promessas de progresso e o surgimento de uma sociedade globalizada, abarrotada de informações, com formas de *governamentalidade* da Vida cada vez mais perversas, ardilosas e ‘sutis’ comprometeram sobremaneira a verticalidade das relações humanas e principalmente os projetos de certa sociedade e seus ideais, como por exemplo, honra, liberdade, igualdade e fraternidade.

*Eu vivo sem saber até quando ainda estou vivo, sem saber o limite do perigo. Eu não sei de onde vem o tiro... Por que caminhos você vai e volta? Aonde você nunca vai? E que esquinas você nunca para? À que horas você nunca sai? Há quanto tempo você sente medo? Quantos amigos você já perdeu entrincheirado vivendo em segredo e ainda diz que não é problema seu? E a vida já não é mais vida. No caos ninguém é cidadão. As promessas foram esquecidas. Não há mais Estado, não há mais nação. Perdido em números de guerra, rezando por dias de paz não vê que a sua vida aqui se encerra com uma nota curta nos jornais. (VIANNA, 2002)*

Se durante séculos os exercícios de poderes e saberes manifestaram-se vertical e isoladamente definidos, o que conduzia o herói a comprometer-se com certo legado, na

contemporaneidade, devido a *horizontalidade* de uma multiplicidade<sup>4</sup> sobrepostas de perspectivas de valores, esse comprometimento heroico ético-estético-moral fica relativizado e desorientado. Não raro, nessa balbúrdia, aquelas figuras que eram para *servir e proteger*, escravizam e desamparam. Aqueles que eram para representar os interesses do povo cuidam de seus próprios interesses. Aqueles que dizem semear o amor disseminam o ódio...

No entanto, um contraponto a desorientação e a total ausência de hegemonia de valores na sociedade ocidental contemporânea são os valores e as tramas empreendidos pelo sistema capitalista. O acúmulo e a circulação de mercadorias e o lucro tornaram-se o principal espaço de confirmação (*veridicção*, numa acepção foucaultiana) do sucesso ou não de uma ação. Nesse espaço o herói possui (ou tem que possuir) carros, casas, iates, joias, veste *Prada* e vai ao programa da Oprah Winfrey. Seu modo de *ser* e *estar* no mundo/civilização se dá a partir da ostentação dos bens e serviços que goza e possui. Sua característica principal é o **narcisismo** (um superestima de si e dos seus feitos). O *outro*, a vida do outro, é apenas um meio para que ele atinja seus objetivos narcísicos<sup>5</sup>. O individualismo predomina.

Tem-se que o empobrecimento ou as mudanças na caracterização e função das experiências heroicas na contemporaneidade, seja devido à horizontalidade dos valores ético-estético-morais ou pelo predomínio da ótica capitalista, dissemina *processos de subjetivação* (modos inventivos do ser humano ser e estar no mundo) que, com raras exceções, figuram em consentir ou não com os preceitos capitalistas – a volta da verticalização – ou cair num profundo niilismo, o que resulta em posturas de **subserviência**, **ressentimento** e **apatia**. Desse modo, desorientada e atravessada pela intensidade de princípios como beligerância, autoconservação e narcisismo a função do herói na contemporaneidade tende a firmar-se a partir de processos cada vez mais destrutivos – ao implodir-se ou explodir o outro (ato que se sobressai em uma sociedade narcisista).

---

<sup>4</sup> Os avanços tecnológicos e as infinitas possibilidades de compartilhamento de informações conseguidas junto do advento da internet fez com que a hegemonia no campo da “cobertura” e divulgação de eventos e acontecimentos por redes televisivas perdesse terreno e credibilidade, posto que a diversidade de olhares sobre um mesmo fato possibilitou a construção também de narrativas diversas. A atuação da *Mídia Ninja* nas manifestações populares ocorridas no Brasil em 2013 é um bom exemplo dessa multiplicidade de perspectivas e valores que circulam na contemporaneidade. A circulação de eventos culturais também sofreu alterações no cenário brasileiro junto de atuações de coletivos como o *Fora do Eixo* que tornam acessíveis e fizeram circular fora do eixo Rio-São Paulo diversas manifestações artísticas. O exercício da força também tem novas perspectivas junto dos *Black-Blocs* e dos *rolezinhos*.

<sup>5</sup> Elementos das redes sociais tais como *self*, *curtidas* e número de *seguidores* são típicos exemplos desse modo narcísico de ser e estar no mundo. Ser é aparecer. As pessoas são avaliadas e des/acreditadas através do número de outros usuários que curtem e comentam suas fotos.

Diante do cenário apontado supra, o presente trabalho justifica-se ao destacar que, se a civilização é a transferência do poder individual para uma unidade maior e a criação e regulação de vínculos afetivos entre os pares da comunidade, o Direito, grosso modo, entendido aqui como o poder da comunidade frente ao poder do indivíduo, é a via régia para que uma civilização justa aconteça. Contudo, problematiza que para que tal justiça ocorra é mister que a ordem legal ou aquilo que é tido como algo potente e salutar para a civilização e seus partícipes não seja violada em prol de nenhum indivíduo – que tanto pode ser uma pessoa, um grupo, uma instituição ou o próprio sistema capitalista.

Por esse veio, pensadores e operadores do Direito parecem estar diante de uma aporia. Afinal, tal como destacou Hanna Arendt (2000), *o novo não surge do nada*. E segundo uma provocação nietzschiana, *todo aquele que cria destrói* (Nietzsche, 2007, p. 87). Assim, questionar: como não limitar e/ou transformar seus atos em mais uma forma de utopia ou de um ideal inalcançável? Quem e a partir de quais perspectivas denunciaria aquilo que deve permanecer e aquilo que deve ser destruído na sociedade? Quem e a partir de quais perspectivas diz o que é justo ou não? Como escapar e, em muito, cooptar o ressentimento, o niilismo, o medo, a preguiça, o cansaço, o ódio, o narcisismo e as irracionalidades envoltas na horizontalização da justiça no século XXI?

## **OBEJETIVO**

Diante do exposto supra e longe de propor uma inquestionável resposta para tais questionamentos, o presente artigo objetiva trazer à baila alguns traços das características da função do herói e do anti-herói na contemporaneidade da sociedade ocidental a fim de destaca-los como elementos para novas possibilidades de atuação dos pensadores e operadores do Direito na promoção da justiça e, conseqüentemente, da liberdade, para além da *força bruta*, ou seja, do exercício vertical da violência e de inatingíveis ideais de sociedade e de relações humanas.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **Receita para se fazer um herói**

*Tome-se um homem feito de nada, como nós, e em tamanho natural. Embeba-se lhe a carne, lentamente, duma certeza aguda, irracional, intensa como o ódio ou como a fome. Depois, perto do fim, agite-se um pendão e toque-se um clarim. Serve-se morto.*

**Reinaldo Ferreira**

De acordo com Foucault (1996), *ações-teóricas* verticais e horizontais de *controle e vigilância*, portanto, simultaneamente, práticas e teorias de poder, produzem domínios de saber que, por sua vez produzem um particular sujeito. Nesta situação, um sujeito do conhecimento (racional/racionalizado) é uma subjetividade que vai se (re)elaborando na relação com os valores e perspectivas sociais – bem e mal, certo e errado, normal e patológico – que a ela se impõem ou que simplesmente estão dispostas historicamente em seu meio de convívio. Nesse sentido, pode-se dizer que não existe um sujeito humano dado preliminarmente – pronto, essencial –, mas, sim, relações com tipos de saberes/poderes que (im)possibilitam a constituição/criação de (in)de-terminados tipos (*Typus*) de sujeitos.

Para Nietzsche (2007) toda criação parte de uma avaliação e *sempre o que cria precisa destruir*. Nesse sentido é inegável que os conflitos põem as civilizações em movimento ou, dizendo de outra maneira, rearticulam as relações de poder que as compõem. Entretanto, o ponto crucial a ser considerado nessas re-articulações que, inclusive podem levar milhões de seres humanos à morte, é saber *em função de quê* elas atuam.

O *poder*, tal como destaca Foucault, não é mal ou ruim intrinsecamente. *O traço distintivo do poder é que alguns homens podem mais ou menos determinar inteiramente a conduta de outros homens* (Foucault, 2010a, p. 384), produzindo e administrando suas vidas, delimitando, apoderando-se ou, minimamente, organizando a *potência* de cada ser humano ou sociedade (*biopolítica*). Nesse sentido entende-se que a *seiva* que azeita a relação entre *poder* e *potência* (*sentimento de poder*) é a dinâmica entre *dor* e *prazer*. E neste veio exprime Agamben:

*O prazer (...) é aquilo cuja forma é completa em cada instante, perpetuamente em acto. Desta definição resulta que a potência é o contrário do prazer. Ela é tudo aquilo que nunca está em acto, que sempre falha o seu objectivo, em suma, é a dor. E se o prazer, de acordo com esta definição, nunca se desenrola no tempo, já a potência se inscreve essencialmente na duração. Estas considerações permitem lançar luz sobre as relações secretas que ligam o poder à potência. A dor da potência desvanece-se, de fato, no momento em que ela passa a acto. Mas existem por toda parte – também dentro de nós – forças que obrigam a potência a permanecer em si mesma. É sobre estas forças que repousa o poder: ele é o isolamento da potência em relação ao seu acto, a organização da potência. Apropriando-se da sua dor, o poder fundamenta sobre ela a sua própria autoridade: e deixa literalmente incompleto o prazer dos homens. Mas aquilo que assim se perde não é tanto o prazer como o próprio sentido da potência e da sua dor. Tornando-se interminável, esta cai sob a alçada do sonho e gera, para si própria, e para o prazer, os mais monstruosos equívocos. Pervertendo a justa relação entre os meios e os fins, a busca e a formulação, confunde o cúmulo da dor – a onipotência – com a maior das perfeições (Agamben, 1999, pp. 63-4).*

Segundo Foucault (2010b, p. 21), *a Vida pede representatividade* e não há como estar vivo e ser indiferente a ela, pois a todo o momento o que vive tem de avaliar, posto que a própria Vida valora por meio dele. Mas não pode, como observou Zaratustra, avaliar como seu vizinho se quiser se conservar. *Nunca dois vizinhos se compreenderam: cada um se espanta da loucura e da maldade do vizinho* (Nietzsche, 2007, p. 86). Para Zaratustra, que muitos povos viu, não há maior poder na Terra que *bem e mal*. E é sobre *bem e mal* que se forma a tábua de valores que rege cada povo ou bando.

*Ao fazer bem e fazer mal a outros, exercemos neles o nosso poder – é tudo o que queremos nesse caso! Fazemos o mal àqueles aos quais devemos fazer sentir nosso poder; pois para isso a dor é um meio muito mais sensível que o prazer: a dor pergunta sempre pela causa, enquanto o prazer tende a ficar consigo mesmo e não olhar para trás. Fazemos bem e queremos bem àqueles que já dependem de nós de alguma maneira (isto é, estão habituados a pensar em nós como suas causas); queremos aumentar seu poder, pois assim aumentamos o nosso, ou queremos mostrar-lhes a vantagem de estar em nosso poder – assim ficam mais satisfeitos com a sua situação e mais hostis e belicosos com os inimigos de nosso poder. Não altera o valor último de nossas ações o fato de que fazer bem ou mal envolva sacrifícios para nós; mesmo se oferecemos a vida, como faz o mártir pela sua igreja, é um sacrifício ao nosso desejo de poder, ou com a finalidade de preservar nosso sentimento de poder* (Nietzsche, 2009a, p. 64).

*Se falamos de valores, falamos sob a inspiração, sob a ótica da Vida* (Nietzsche, 1999b, p. 378), expressa Nietzsche. E a concepção de Vida para tal pensador é *vontade de potência*. Uma manifestação que tudo conflui, principalmente, princípios tidos como antagônicos – *coisas que nunca se olham de frente colocadas subitamente face a face, iluminadas uma pela outra* (Nietzsche, 1999a, pp. 45-46). São os digladios, as inter-relações e interconexões destes princípios, umedecidos num *sentimento de poder*, que criam e (des)organizam as culturas e até mesmo o Universo em dois movimentos: conservação e superação. Assim, todo juízo de valor é perspectivo.

Existe um dito popular que diz que *todo ponto de vista é a vista de um ponto*. E há que se ter claro que em todo ponto de vista não existe interpretação sublime. Há sim, violência e até mesmo sub-repção de uma tendência ou sistema de significação de acordo com certa perspectiva. Nesse sentido, no §13 da *Genealogia da moral* Nietzsche traça dois tipos de moral que em seu entendimento marcaram a história e os espaços do mundo ocidental: a do *senhor* e a do *escravo* – a dos fortes e a dos fracos<sup>6</sup>. A fim de melhor expressar a forma de

---

<sup>6</sup> É justo destacar que quando Nietzsche enaltece os nobres tem em mente a aristocracia guerreira dos tempos homéricos, junto à figuras como Heitor, Aquiles, Agamêmnon e Patroclos. Não é à nobreza como classe social que ele se refere.

valorar de cada *tipo* de moral em tal aforismo o pensador alemão destaca a condição das ovelhas e das aves de rapina. Expressa ele que em dado momento as ovelhas dizem umas às outras: *essas aves de rapina são más; e quem for o menos possível ave de rapina, e sim o seu oposto, ovelha – este não deveria ser bom?* E nesse mesmo momento, as aves de rapina que sobrevoam o rebanho, com zombaria comentam entre si: *nós nada temos contra essas boas ovelhas, pelo contrário, nós as amamos: nada mais delicioso do que uma tenra ovelhinha* (Nietzsche, 2009, p. 32).

É justo destacar que o termo moral, grosso modo, não é tomado por Nietzsche como um conjunto de normas e regras, mas sim como perspectiva avaliativa. Assim tem-se que a *moral da ave de rapina* (dos nobres, dos senhores, dos fortes, dos **heróis**) é constituída a partir do critério *bom*, que atribui a ela mesma. Somente muito depois, com desdém, cria o seu contraste – *o ruim* – e o atribui àqueles que não conferem condições de combate, àqueles que são incapazes de lutar, que não têm condições de ser *um honrado inimigo*. Por outro lado, a *moral das ovelhas* ou do *rebanho* (dos ressentidos, dos escravos, dos fracos, do homem comum, do *último homem*) constitui-se a partir da criação do critério *mau*, que atribui aos fortes e, em contrapartida, adota para si o critério de *bom*. *Incapaz de admirar o forte, o ressentido imputa-lhe justamente o erro de ser forte. Reúne fatos e testemunhas para montar sua peça de acusação, cujo objetivo último é o de introduzir no âmago do forte o vírus corrosivo da culpa.*

Esses dois *tipos* de moral têm um caráter instrumental na filosofia nietzschiana, pois é a partir deles que o pensador alemão desenvolve aquilo que chamou de *procedimento genealógico*, que consiste justamente em questionar *quem* e em *função de quê* atribui valor a determinada ação, coisa, ou mesmo, a outro ser humano. Dessa complexidade valorativa e existencial surge uma das mais emblemáticas e significativas figuras da história da humanidade: a figura do herói.

**O herói** – O termo herói denota, grosso modo, uma narrativa sobre um personagem ou protagonista. Em certo contexto essa figura goza de tamanha admiração pelos seus atos de bravura, coragem e audácia. Na maioria das vezes suas ações estão voltadas para a *superação* de uma dada condição e o resultado dessa empreitada não apenas o beneficia, mas também é de bom grado àqueles que partilham de sua companhia – um povoado, por exemplo. Por essas características, em muitas situações, a figura do herói é venerada e tomada como o *ideal* a ser

seguido – o *topos*, a utopia a ser realizada. Por esse veio, tal figura em diversas culturas sagrou-se como um *dispositivo*, ou seja, como aquilo que, segundo Agamben, tem a *capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes* (Agamben, 2009, pp. 40-1).

*Por força da exaltação da vontade, da ação e da bravura os heróis estavam fadados a serem exemplares mesmo quando ligados a forças tenebrosas e incontroláveis. Eram vistos pairando muito acima dos humanos comuns, quase num pedestal, destinados a serem reverenciados como efígies ou monumentos por toda posteridade.* (Brombert, 2001, p.19)

A figura do *herói clássico*, encontrada principalmente na Antiguidade e na literatura épica, enaltece a ideia do modelo de conduta a ser seguido, sobretudo, ao destacar as façanhas de um semideus: um ser humano mortal, mas que possui características divinas e realiza feitos sobre-humanos. Essa tipologia heroica ganha vulto no exercício de sua força, de seu poder, do propósito de sua luta – muito bem estabelecida e aferrada a seus intentos. Esse é o herói que levanta o pendão, que se dá em sacrifício em uma causa, que afirma o “eu quero” onde há o “tu deves”<sup>7</sup>. É com essa postura litigante que o herói firma-se num lugar e num tempo. Assim, tal como afirmam os personagens Batman e Harvey Dent no filme *Batman – o cavaleiro das trevas, você morre herói ou vive tempo suficiente para tornar-se vilão*.

Como protótipo de condutas ou processos de subjetivação esses digladios de perspectivas heroicas são postos em destaque no seio do desenvolvimento humano e das sociedades num dos mitos fundacionais mais difundidos no ocidente após as propostas evolucionistas de Charles Darwin, o freudiano. Em duas obras, *Totem e tabu* e *O mal-estar da civilização*, escritas pouco antes das duas maiores guerras do século XX, 1913 e 1930 respectivamente, Freud cria uma conjuntura da qual derivaria os conflitos e/ou o mal-estar por ele observados tanto no contexto clínico como social.

Em *Totem e tabu* Freud (2012b) descreve uma horda patriarcal despótica em que “certo dia” os irmãos que haviam sido expulsos de tal contexto retornam e juntos assassinam e devoram o pai levando a cabo o despotismo e fazendo florescer uma horda fraterna. Na obra *O mal-estar da civilização*, ao abordar o modo como as relações entre os seres humanos acontecem, o pensador retoma traços semelhantes a esse mito fundacional ao destacar o

---

<sup>7</sup> Destaca-se aqui a segunda transmutação do espírito (o Leão, a imposição da força) de acordo com a obra *Assim falava Zaratustra* de Friedrich Nietzsche.

*elemento cultural como a primeira tentativa de regular essas relações* (Freud, 2010a, p. 56.), de modo que:

*Não havendo essa tentativa, tais relações estariam sujeitas à arbitrariedade do indivíduo, isto é, aquele fisicamente mais forte as determinaria conforme seus interesses e instintos. Nada mudaria, caso esse mais forte encontrasse alguém ainda mais forte. A vida humana se torna possível apenas quando há uma maioria que é mais forte que qualquer indivíduo e se conserva diante de qualquer indivíduo. Então o poder dessa comunidade se estabelece como “Direito”, em oposição ao poder do indivíduo, condenado como “força bruta”. (...) O curso posterior da evolução cultural tende a tornar esse direito não mais a expressão da vontade de uma pequena comunidade – casta, camada da população, tribo –, que novamente age como um indivíduo violento face a outros grupos talvez mais numerosos desse tipo* (Freud, 2010a, pp. 56-7).

Nos eventos descritos supra é importante destacar que os conflitos tornam-se estruturantes e frequentes nas relações humanas, de modo a persistirem até mesmo após a superação de um patriarcado despótico, posto que a horda fraterna pode vir a atuar arbitrariamente frente a outros grupos ou indivíduos. A dinâmica dos conflitos irá ser firmada a partir da defesa de determinados domínios e interesses ou a expansão de territórios e perspectivas. A *lei do mais forte* é travestida na ideia da defesa da *soberania* de um povo ou na imposição da *tábua de valores* deste povo – sua concepção do que seja o bom, o verdadeiro e o belo. A figura do herói é então forjada na identificação com tais atos e valores.

Junto das relações indentitárias o herói torna-se mais *racional* ou encorajado por uma *razão instrumental* que, por um lado, lhe possibilita executar/sacrificar sem dificuldades ou traumas aqueles que lhe são tidos como inimigos e, por outro, sacrificar-se por determinada causa. Acerca desses processos, Freud, em *Totem e tabu*, já destacara que o parricídio antropofágico praticado pela horda fraterna não era passível de esquecimento deixando *ad aeternum* aberta a chaga do *sacrifício* na humanidade. E foi por esse veio que no clã primevo o *pai morto* retornou na figura do animal totêmico<sup>8</sup>. Cumpre destacar que em *Moisés e o monoteísmo* (Freud, 2012a), obra freudiana publicada pela primeira vez em 1939, e que concede, grosso modo, um desfecho ao mito fundacional, a *saudade do pai* enseja o surgimento da religião, do Estado, de um Deus ou de deuses que trariam, junto de sua vertical autoridade, a lógica ou a Ordem necessária para a regulação das relações humanas e, junto do interesse do presente projeto, delimita os modelos ético-estético-morais a serem copiados e a via régia dos processos de subjetivação de conduta do herói.

---

<sup>8</sup> Pode-se inferir que certa *angústia existencial* humana não pode ser aplacada em nenhuma das organizações sociais. *Infeliz o país que necessita de heróis* (Bertolt Brecht).

A família tradicional burguesa é um típico exemplo da estruturação verticalizada da sociedade. Nela quem dá as ordens é o patriarca. A matriarca administra os conflitos de interesses no seio familiar, sobretudo, no que tange às demandas da prole que, por sua vez, movimenta-se e constitui-se também verticalmente assentindo ou indo de encontro às determinações patriarcais. Nota-se que em tal organização os lugares e funções já estão prévios e muito bem definidos. O campo da educação formal, por sua vez, também se estruturou a partir de uma verticalidade de poderes e saberes no que tange ao esquadrinhamento da sala de aula, o posicionamento dos corpos nesta e a função de seus partícipes – sobretudo aqueles que *professam* e os desprovidos de luz – professores e alunos.

**A figura do herói e o campo educacional** - A figura do herói, desde os períodos mais remotos, serve de guia ou, minimamente, de referência aos atos humanos. A relação com tal figura denota um processo educativo se, por Educação, for compreendido o movimento de articulação de elementos culturais a partir dos quais o animal falante se inventa. Na contemporaneidade da sociedade ocidental, tais processos podem ocorrer de dois modos. Existe a *educação formal* – aquela promulgada a partir das instituições de ensino – e a *educação informal* – aquelas re(l)ações que ocorrem nos becos, nas calçadas, no seio das famílias. Uma que se volta mais para todos, mais universal, “indiscriminatória”, e outra que é mais “particular”, focada no sujeito, um sujeito que foca a “si mesmo”. Uma que cuida de todos, que trabalha com conteúdos pré-estabelecidos e que espera certo tipo de resultado, e outra que é mais *acontecimento*, mais (des)encontros casuais, mais interesses particulares. Uma mais esquadrinhada, delimitada, preparada para se perguntar e responder de uma maneira determinada e outra que se abre às infinitas formas de expressão. Uma que produz disciplina, passividade, *repetição*, e outra que profana, que é trágica, que fomenta a criatividade. Uma que é *biopolítica*, exercício inconsequente de poder e outra que é exercício de (sobre)vivência, de produção des-comprometida de possibilidades para se ser livre e feliz. Uma que utópica e outra que é heterotópica.

O século XXI descortina-se como o século da livre circulação de informações. O avanço tecnológico e algumas posturas políticas possibilitam que informações possam circular de maneira abundante. O acesso às mesmas pode dispor educandos fisicamente em uma sala de aula de geografia, por exemplo, mas afetivamente tocá-los e fasciná-los por meio da transmissão “ao vivo” da chegada de um robô à Marte. Nisso pode-se inferir que o espaço da *educação formal* tende a ser cada vez mais atravessado ou sobreposto por espaços outros provenientes da *educação informal*. A experiência educativa tornou-se um espaço

*heterotópico* – uma multiplicidade e uma justaposição de *posicionamentos* e *contraposicionamentos* – que demanda outras práticas educativas.

*A época atual seria talvez de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama. (Foucault, 2009 p.411).*

Destaca-se que a Educação enquanto uma *biopolítica* tem, sob a perspectiva de uma parca herança iluminista/positivista e do fomento dos valores do sistema capitalista, intentado moldar e direcionar o ser humano segundo interesses particulares e/ou ideais. Dispor o *homem certo no lugar certo* e levar o sujeito de uma condição de *menoridade* para *maioridade* a partir do acúmulo e a assimilação de conhecimentos, são exemplos de tal empreitada. Essa educação e seus operadores têm compreendido o mundo como essa *grande via que se desenvolve através dos tempos* e, com isso, seus anseios destinam-se a realinhar ou formar um tipo de ser humano que se encaixe e siga essa *grande via* em que pessoas e coisas valem mais ou menos dependendo do seu poder de circulação e aceitação no mercado capitalista ou em uma *estética capitalista*.

**O herói nos videogames** - Paralelo ao cinema, a música e a literatura um dos cenários em que mais se nota as mudanças no que tange às características e funções do herói contemporâneo é o dos jogos de videogame. A quase totalidade dos jogos que “rodavam” nas décadas de 80 e 90 em videogames com o Atari, Mega Drive, Master System e Super Nintendo desconsideravam quase que totalmente questões e interpretações morais como bem e mal. Os objetivos em sua maioria eram muito simples: *ganhar uma corrida de carros, salvar a princesa do vilão, libertar animais indefesos ou livrar a própria pele dos perigos de uma travessia pela floresta*. Não era permitido ao jogador aceitar um suborno do vilão para manter a princesa presa. Nem era levada em consideração a brutalidade com a qual dezenas de inimigos (tartarugas, jacarés, rinocerontes, monstros etc.) eram eliminados pelo jogador simplesmente por estarem no caminho do seu *avatar*. Ou seja, mesmo um personagem sanguinário e impiedoso sagrava-se como herói ao final do jogo.

Com o advento dos jogos em computador e do aclamado *Playstation* as narrativas dos jogos tomaram novas tônicas, sobretudo os inspirados nos jogos de RPG (Role-Playing Game) em que os personagens podem ser criados ou customizados pelos jogadores antes do

jogo começar a partir de alternativas e escolhas morais. E nesse sentido, o herói do jogo é aquele que se mantém fiel às respostas dadas antes da partida. De modo que configurando um *avatar* como “mal” ou imoral o jogador terá que exercer toda sua crueldade para ser consagrado vencedor em tal empreitada.

Jogos mais atuais como *The Witcher* negam ao jogador quaisquer certezas no que tange saber se uma atitude é correta ou não. Reviravoltas nas narrativas do jogo firmam que ações tidas como corretas em uma fase anterior podem desencadear efeitos nefastos em fases futuras e nem sempre gerarem boas recompensas. Neste cenário, por exemplo, a função e os valores defendidos pelo herói são extremamente relativos e/ou incertos.

**O anti-herói** – De acordo com Bakhtin (1993, p. 135), *o sujeito que fala no romance é sempre, em certo grau, um ideólogo e suas palavras são sempre um ideograma. (...) É um homem essencialmente social, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social (ainda que em embrião)*. E continua:

*A pessoa que fala e seu discurso constituem o objeto que especifica o romance, criando a originalidade deste gênero. Mas no romance, naturalmente, não se representa apenas o homem que fala, e este mesmo homem não é representado apenas como falante. O homem no romance pode agir, não menos que no drama ou na epopeia – mas sua ação é sempre iluminada ideologicamente, é sempre associada ao discurso (ainda que virtual), a um motivo ideológico e ocupa uma posição ideológica definida* (Bakhtin, pp. 135-6).

Bakhtin aponta que no romance as expressões de alguns personagens (*gueroi* no idioma russo) não são abstratas ou consensuais. Ao contrário, representam uma perspectiva e uma forma particular de conceber e experienciar o mundo. É por esse motivo que *a pessoa que fala e seu discurso* configuram a estilística e a originalidade deste gênero literário. *A ação do herói do romance é sempre sublinhada pela sua ideologia: ele vive e age em seu próprio mundo ideológico (não apenas num mundo épico), ele tem sua própria concepção de mundo, personificada em sua ação e sua palavra* (BAKHTIN, 1993, P. 137). O que não quer dizer que ele viva de maneira alienada ou isolada socialmente, mas sim que a postura do herói romanesco é a afirmação da diversidade de linguagens no mundo – o *plurilinguismo social*. E é justamente a afirmação não resignada ou não consensual de uma perspectiva de si e/ou do mundo que o herói traz que dá margem ao surgimento de outra figura, a do *anti-herói*.

O anti-herói não é o “vilão da história”, mas sim aquele que figura como um contraponto à imagem idealizada e exemplar de herói. Ele é um denunciador da complexidade

constitutiva do herói ou de seus traços desmedidos, de sua *hybris*. Em sua obra *Em louvor de anti-heróis*, Brombert (2001) destaca que existem dois tipos de anti-heróis: os passivos e os ativos.

O *anti-herói passivo* destaca a virilidade e a imoralidade profunda do herói o que o torna uma espécie de vítima do culto ao herói – vítima do culto ao idealismo, dos dogmatismos, de todos os projetos utópicos ou das apropriações políticas que fazem com que o ser humano seja apenas um brinquedo, uma marionete junto de ideais e projetos contaminados por essa tentativa de transcender os limites do humano. O anti-herói passivo é o herói na medida das possibilidades humanas. Um homem que reside na ideia de que todos os intentos de ultrapassamento ou docilização do ser humano justifiquem toda forma de dor, violência e opressão nele dissipadas e por ele sentidas e manifestas.

Woyzeck, que dá nome à peça do alemão Georg Büchner, é um exemplo de anti-herói passivo – talvez o primeiro anti-herói na literatura, segundo Brombert. Na trama da peça Woyzeck vai sendo passivamente conduzido à morte, à loucura. Ele é um in-fans, um sem fala (na peça o personagem quase não tem falas), mas que é falado por aqueles que o rodeiam. Esse tipo de anti-herói é um lugar de pura alienação. Um ser envolto na *opacidade*, numa obscuridade. O anti-herói passivo não traz um novo saber ou um novo conhecimento tal como fizera Prometeu na literatura clássica.

O anti-herói passivo é a antítese do ser humano que se afirma na canção *Toda forma de amor* de Lulu Santos (1989), que *não pediu para nascer*, que *não nasceu para perder* e que *nem irá sobrar de vítima das circunstâncias*. Ele nasce e morre sem saber o porquê de tal acontecimento. Ao que lhe parece, seu destino já estava traçado e *sua droga já estava malhada antes mesmo dele nascer* (Cazuza, 1988). Diante de um *capitalismo estético*, a *feira pobre* foi promovida para lhe dar, ou melhor, vender uma imagem de herói a partir da qual ele irá pagar sem ver (e receber e aceitar sorridente e resignadamente) diversas mercadorias em sua vida –uma reificação (coisificação) e mercantilização da Vida. O anti-herói passivo é fruto de uma heteronomia que o encerra em si, que lhe tira das mãos o labor de sua existência, que nega no próprio corpo o perfume dos afetos experienciados a partir de gestos e re-articulações com palavras e valores.

A figura do *anti-herói ativo* é justamente aquela retirada da obra *Memórias do subsolo* de Dostoiévski. O escritor russo, na primeira parte de sua novela, traz um narrador (o

*paradoxalista* ou *o homem de consciência atrofiada*) que se dirige ao seu leitor lançando toda uma série de críticas e descontentamentos seus com determinados idealismos e promessas fervilhantes em seu tempo (naquele momento, o positivismo e o romantismo). Escárnio e afirmações de vileza dão a tônica das narrativas deste narrador que se coloca como um *anti-idealista radical*, um *homem concreto*, um *homem do subsolo* que consente com as incongruências mais primevas e elementares que coexistem e se manifestam no animal humano: o belo, o feio, o sublime, o baixo, o reles, o moral, o imoral, o hostil, o cruel. Desse modo, a afirmação e aceitação de tudo aquilo que é *humano, demasiado humano* caracteriza o anti-herói ativo<sup>9</sup>.

*EU SOU um homem doente... Um homem mau. Um homem desagradável. Creio que sofro do fígado. Aliás, não entendo níquel da minha doença e não sei, ao certo, do que estou sofrendo. Não me trato e nunca me tratei, embora respeite a medicina e os médicos. Ademais, sou supersticioso ao extremo, ao menos o bastante para respeitar a medicina. (Sou bastante instruído para não ter nenhuma superstição, mas sou supersticioso). Não, se não quero me tratar, é apenas de maldade. Certamente não compreendeis isto. Ora, eu compreendo. (Dostoievski, 2000, p. 15).*

Toda cultura traz consigo noções valorativas, tanto para si como para seus partícipes, do que lhe seja racionalmente viável e vantajoso. O anti-herói ativo exprime com veemência as contradições insondáveis do ser humano que impedem que nele se fixem idealizações reducionistas que o aprisionem numa dimensão material de sua existência. Nesse sentido, talvez um dos melhores exemplos de anti-herói ativo seja o poeta francês Charles Baudelaire que, tal como argumenta Benjamin (1989,73), desafiou uma realidade em que a *arte* começava a ser tomada simplesmente como mais uma mercadoria, um objeto que perdia sua *aura* e se tornava *massificado*. Porém, ocorre que o estado marginal, despedaçado e de quase mendicância em que o poeta vivia escancarava os limites do espírito do seu tempo (*zeitgeist*) e também testemunhava uma *atitude* para seu ultrapassamento.

*Na verdade, o que muda com a modernidade é o estado das coisas, seus valores, o valor do próprio homem. Olhando para Baudelaire, o que se vê é um homem "quebrado", absolutamente cisado, que anda pelas ruas de Paris tentando compor sentidos, através de seus poemas. Baudelaire pega em cada esquina fragmentos que vão sendo formados pela nova cultura. Neste sentido, a modernidade vive suas próprias contradições e dialéticas. Ao mesmo tempo que ela pressupõe uma*

---

<sup>9</sup> No cinema hollywoodiano contemporâneo, talvez a maior expressão do anti-herói ativo seja o **discurso humanista do Diabo** ao final do filme *O advogado do Diabo* (Devil's advocate – USA, 1997) em que as atitudes comumente tidas como imorais, vis e sanguinolentas perpetradas pelo Diabo são justificadas por este como uma inquestionável afirmação de todos os prazeres e características que foram engendradas no homem por Deus. O Diabo confessa-se como um *fã do Homem*.

*investida do sujeito no campo da construção do mundo e das coisas, utiliza-se de formas cada vez mais eficazes para o incremento da similaridade entre os homens. Desta maneira, houve diversos movimentos de massificação cultural, como por exemplo, o fascismo (Leite, 1998, p. 27).*

As considerações trazidas supra por Leite deflagram a importância da figura do anti-herói para auxiliar o ser humano a construir seus valores e a também produzir novas formas de compreensão sobre si e sobre outro. Por essa via, Foucault (2008, p. 342)<sup>10</sup> destaca que a obra de Baudelaire – suas dimensões material e existencial – ao denunciar aquilo que há em seu tempo de *transitório, fugidio e contingente*, dispõe a modernidade mais como uma *atitude* do que como um período da história. A modernidade seria, antes de tudo, uma relação com o tempo. Não uma relação negativa no sentido de lamentar aquilo que ligeiramente passa e escapa, mas sim uma possibilidade de colocar-se também em movimento e *recuperar alguma coisa de eterno que não está além do instante presente, nem por trás dele, mas nele* (Ibidem). Sendo assim, para Foucault a *atitude de modernidade permite apreender o que há de “heroico” no momento presente.*

*Referindo-me ao texto de Kant, pergunto-me se não podemos encarar a modernidade mais como uma atitude do que como um período da história. Por atitude, quero dizer um modo de relação que concerne à atualidade; uma escolha voluntária que é feita por alguns; enfim, uma maneira de pensar e de sentir, uma maneira também de agir e de se conduzir que, tudo ao mesmo tempo, marca uma pertinência e se apresenta como uma tarefa. Um pouco, sem dúvida, como aquilo que os gregos chamavam de *êthos*. Consequentemente, mais do que querer distinguir o “período moderno” das épocas “pré” ou “pós-modernas”, creio que seria melhor procurar entender como uma **atitude de modernidade**, desde que se formou, pôs-se em luta com as atitudes de “**contramodernidade**”. (Foucault, 2008, pp. 341-2 – grifos nossos).*

*Vocês não têm o direito de menosprezar o presente*, exorta Baudelaire. A *atitude de modernidade* é justamente a experiência de viver a intensidade do presente no sentido de captar aquilo que nele é singular e (im)possível. E não se trata de querer sacralizá-lo ou distendê-lo na busca do prazer fugaz de uma circunstância. É uma atitude transfigurativa; é *um exercício de liberdade!*

*Aos olhos de Baudelaire, o pintor moderno por excelência é aquele que, na hora em que o mundo inteiro vai dormir, se põe ao trabalho, e o transfigura. Transfiguração que não é anulação do real, mas o difícil jogo entre a verdade do real e o exercício da liberdade; as coisas “naturais” tornam-se então “mais do que naturais”, as coisas “belas” tornam-se “mais do que belas”, e as coisas singulares aparecem “dotadas de uma vida entusiasta como a alma do autor”. Para a atitude de*

---

<sup>10</sup> Junto também das considerações acerca do opúsculo escrito por Kant sobre o *esclarecimento* – a *Aufklärung*.

*modernidade, o alto valor do presente é indissociável da obstinação de imaginar, imaginá-lo de modo diferente do que ele não é, e transformá-lo não o destruindo, mas captando-o no que ele é. A modernidade baudelaireana é um exercício em que a extrema atenção para com o real é confrontada com a prática de uma liberdade que, simultaneamente, respeita esse real e o viola. (Foucault, 2008, pp. 343-4).*

Resta destacar que a *atitude de modernidade não é simplesmente [uma] forma de relação com o presente: é também um modo de relação que é preciso estabelecer consigo mesmo. A atitude voluntária de modernidade está ligada a um ascetismo indispensável; (...) é tomar a si mesmo como objeto de uma elaboração complexa e dura. (Foucault, 2008, p. 344).* Foucault aponta que tal *atitude* é um estado beligerante junto a atitudes que se fazem *contramodernas*. Ou seja, é uma revolta contra tudo aquilo que quer impor suas formas e privar o sujeito da experiência ou do exercício da liberdade.

O homem moderno para Baudelaire *não é aquele que parte para descobrir a si mesmo, seus segredos e sua verdade escondida; ele é aquele que busca inventar-se a si mesmo. Essa modernidade não liberta o homem em seu ser próprio; ela lhe impõe a tarefa de elaborar a si mesmo.* Ela é, segundo o próprio Baudelaire, uma atitude de *dandismo* consigo. Fazer *de seu corpo, de seu comportamento, de seus sentimentos e paixões, de sua existência uma obra de arte* (Foucault, 2008, p. 344 – grifos nossos) É um processo de subjetivação junto do qual o sujeito busca perceber e transformar aquilo que nele vem sendo apontado ou entendido como necessário ou contingente. É a problematização simultânea da *relação com o presente, o modo de ser histórico e a constituição de si próprio como sujeito autônomo.*

*É preciso tentar fazer a análise de nós mesmos como seres historicamente determinados, até certo ponto, pela Aufklärung. O que implica uma série de pesquisas históricas tão precisas quanto possível; e essas pesquisas não serão orientadas retrospectivamente na direção do “núcleo essencial da racionalidade” que se pode encontrar na Aufklärung e que se poderia salvar inteiramente no estado de causa; elas seriam orientadas na direção dos “limites atuais do necessário”: ou seja, na direção do que não é, ou não é mais, indispensável para a constituição de nós mesmos como sujeitos autônomos (Foucault, 2008, p. 345).*

O *êthos* – morada, lugar (utopia) ou justaposição de lugares (heterotopia) – decorrente da *Aufklärung* é, nas palavras de Foucault, uma *ontologia crítica de nós mesmos, uma crítica permanente de nosso ser histórico*, uma atitude experimental feita por meio daquilo que *dizemos, pensamos e fazemos* (Foucault, 2008, p. 347). É um movimento reflexivo junto daquilo *que nos é apresentado como universal, necessário, obrigatório*, a fim de perscrutar *qual é a parte do que é singular, contingente e fruto das imposições arbitrárias.* É tecer a

crítica a partir de uma *atitude-limite*, situando-se nas fronteiras do presente, atento aos acontecimentos históricos, no intento de que a própria crítica seja uma análise dos limites e a reflexão sua ultrapassagem. Enfim, é uma atitude, *uma via filosófica em que a crítica do que somos é simultaneamente análise histórica dos limites que nos são colocados e prova de sua ultrapassagem; um trabalho paciente que dá forma à impaciência da liberdade* (Foucault, 2008, p. 351).

O modo de ser autônomo decorrente do *êthos* proveniente da *atitude de modernidade* abre a possibilidade do *acontecimento* de uma figura heroica tal qual descrita por Campbell (2007), capaz de viver a partir de uma *autoconquistada submissão* e pronto para dar a própria vida por alguma coisa maior do que ele mesmo. Afinal, para tal autor, as ações do herói visam uma *utilidade coletiva* como sinal de superação do *impulso de auto-engrandecimento egocêntrico*, algo para além da submissão cultural gregária ou **para além de um pendão, para além de uma humanização ideal e, portanto, desumana.**

## CONCLUSÃO

O Direito é o poder da comunidade. Poder que conquista a legitimação de determinados atos de violência que perpetra contra todo indivíduo ou grupo que contrarie os preceitos – interesses em comum que geram *vínculos afetivos* e *sentimentos comunitários* – que mantêm a organização e a potência de um agrupamento de pessoas. Sendo assim, os conflitos sociais encontram-se a serviço daquilo que Freud chamou de *impulso à liberdade* que se contrapõe, na forma de reivindicação de direitos, às injustiças sociais, mas também que podem se dar como repulsa à própria civilização e/ou aos modos uniformizados de *ser e estar no mundo* manifestando resquícios de uma *personalidade original* ou de uma animalidade em desmedida violência. É justamente diante desse impulso que a cultura pode evoluir ou involuir. Mas é preciso salientar uma vez mais que no processo de desenvolvimento histórico da humanidade, a liberdade do indivíduo – mesmo diante de relações de poder violentas e nem tão seguras e duradouras – encontra-se antes da liberdade grupal. Nesse sentido uma “humanização do Direito” dar-se-ia muito mais por meio dos exercícios de liberdade que respeite as diferentes manifestações do *outro*, do que, propriamente, através da luta por em realizar ideais de justiça.

Resta claro que todas ou a maioria das medidas de *governamentalidade* – favorecimento, disciplina ou punição – dos atos humanos devem estar atentas aos *processos de subjetivação* que o animal falante tem de realizar no seio da civilização. É mister aos pensadores e operadores do Direito entender que, devido a sua complexa constituição biopsicossocial, um tipo de animal humano saudável (e, minimamente, apto para viver em sociedade) tem como experiência de vida lidar com seu *vazio existencial* de modo a inventar-se e fazer ser aceita pela sociedade tal invenção. Para que tal processo ocorra acredita-se que sejam necessárias atitudes singulares cotidianas que fomentem esse **trabalho heroico** sobre si mesmo e que deles decorram formas de beligerâncias eróticas que favoreçam estilos de vida cada vez menos ressentidos, medrosos e covardes.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. *Ideia da Prosa*. Trad. João Barrento. Lisboa: Cotovia, 1999.
- AGAMBEN, G. O que é o contemporâneo? Em: *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. 5ª. ed. 3ª. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética – a teoria do romance*. 3ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- BROMBERT, V. H. *Em louvor de anti-heróis: figuras e temas da moderna literatura europeia*. Tradução de José Laurenio de Melo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- CAMPBELL, J. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense – Universitária. 2ª ed. 1982.
- CAZUZZA. Brasil. Álbum: *Ideologia*. Universal Music Brasil, 1988.
- DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias do subsolo*. Tradução, prefácio e notas de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000.
- FEIJÓ, M. C. *O que é herói*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. 9ª ed. 2ª tir. São Paulo: Martins fontes, 2010b.
- FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 1996.
- FOUCAULT, M. “Omnes et Singulatim”: uma crítica da razão política. Em: MOTTA, M. B. *Coleção Ditos e Escritos IV – Estratégia poder-saber*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

- FOUCAULT, M. O que são as Luzes? Em: MOTTA, M. B. *Coleção Ditos e Escritos II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, M. Outros espaços. Em: MOTTA, *Ditos e escritos III - Estética: literatura e pintura, música e cinema*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FREUD, S. Moisés e o monoteísmo. Em: *Obras completas*, v. 11 – 1930-1936. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2012a.
- FREUD, S. O mal-estar da civilização. Em: *Obras completas*, v. 18 – 1930-1936. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010a.
- FREUD, S. Por que a guerra? Em: *Obras completas*. Volume 18 (1930-1936). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.
- FREUD, S. Totem e tabu. Em: *Obras completas*, v. 11 – 1912-1914. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2012b.
- LEITE, C. D. P. *Escritas e sujeitos: histórias de inter-constituição*. Rio Claro: Cabral Editora Universitária, 1998.
- NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. 5ª reimpr. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a.
- NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra – um livro para todos e para ninguém*. 2ª ed. Tradução e notas explicativas da simbólica nietzschiana de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- NIETZSCHE, F. Crepúsculo dos Ídolos. Em: *Coleção Os pensadores*. Ed. Nova Cultural Ltda., 1999b, p. 378. Moral como contranatureza. § 5.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009b.
- NIETZSCHE, F. Sobre o nascimento da tragédia. Fragmento póstumo – 1888. Em: *Coleção Os pensadores*. Ed. Nova Cultural Ltda., 1999a. §1.
- SANTOS, L. Toda forma de amor. Álbum: *Amor à arte* (ao vivo). SonyBMG, 1989.
- VIANNA, H. O calibre. Em: Os Paralamas do sucesso. Álbum: *Longo caminho*. EMI, 2002.
- The Dark Knight*. Direção: Christopher Nolan. Origem: Estados Unidos, 2008.